

A Filosofia e a Ideia Comunista em Alain Badiou¹

Philosophy and the Communist Idea in Alain Badiou

ROBERTO ROBAINA

Resumo: O texto apresenta uma discussão sobre o significado da filosofia na obra de Alain Badiou. Se apoia também nas elaborações de Louis Althusser, um dos mestres de Badiou, para refletir acerca da persistência da filosofia através do tempo. O argumento central é de que a filosofia pode ser conservadora ou revolucionária e que sua marca é a de um ato singular, uma escolha, uma decisão, tendo como base uma argumentação racional. Em seguida se apresenta qual o conceito que liga a filosofia com a política na obra de Alain Badiou, mostrando que este conceito, como a filosofia, persistiu através do tempo.

Palavras-Chave: Alain Badiou. Filosofia. Ciências. História. Justiça. Comunidade. Comunismo.

Abstract: The text presents a discussion about the meaning of philosophy in the work of Alain Badiou. It is also based on the elaborations of Louis Althusser, one of the masters of Badiou, to reflect on the philosophy of persistence through time. The central argument is that philosophy may be conservative or revolutionary and that its main feature is a singular act, a choice, a decision, based on a rational argument. In sequence it is presented what is the concept that connects philosophy with politics in the work of Alain Badiou, showing that this concept, like philosophy, persisted through time.

Keywords: Alain Badiou. Philosophy. Science. History. Justice. Community. Communism.

Há uma tese muito difundida, presente em vários momentos da história e sustentada por diversos autores, da provável morte da filosofia. Alain Badiou explica que para Hegel, o fim da filosofia estaria ligado à compreensão do próprio Hegel do que é o conhecimento absoluto, enquanto para Marx este mesmo fim havia chegado no momento histórico em que, ao

¹ Este texto é parte de um capítulo de um trabalho mais amplo sobre a filosofia e a política na obra de Alain Badiou.

invés de interpretar o mundo, o desafio passava a ser o de transformá-lo, assim como para Nietzsche a filosofia com suas abstrações negativas deveria ser destruída para libertar a força vital do homem e, por fim, os autores da corrente analítica declaravam estas mesmas abstrações como frases metafísicas, sem sentido, que deveriam ser deixadas de lado para dar lugar apenas a proposições claras, de acordo com as regras da lógica moderna. (Badiou, 2014).

Mas Badiou, um militante em defesa da filosofia, contesta a ideia de sua morte, em primeiro lugar definindo que há muito tempo esta é uma ideia tipicamente filosófica. A própria recorrência da tese, ao contrário, mostra a recorrência da filosofia. Assim, perguntando sobre o futuro da filosofia afirma que “não é impossível, portanto, que o futuro da filosofia se dê sempre na forma da ressurreição” (Badiou, 2014, p 18). Afinal, argumenta, os casos em que a filosofia é declarada como morta, sobretudo a metafísica, parecem indicar um novo caminho, um novo meio para inaugurar uma nova filosofia. Seria o caminho da morte das velhas filosofias e o surgimento de novas (Badiou 2014).

Acaso a repetição do motivo do fim da filosofia, conjugado com o motivo repetitivo de um novo começo de pensamento, seja o signo de uma imobilidade fundamental da filosofia como tal. Pode ser que esta tenha que colocar sua continuidade, sua natureza repetitiva, sob o signo do par dramático do nascimento e da morte. (Badiou, 2014, p 18)

Neste ponto Badiou lembra seu velho mestre, Louis Althusser, para quem a filosofia não tinha história, era sempre a mesma (Badiou, 2014). Para usar a definição do próprio Althusser, “enquanto disciplina tem havido sempre homens para praticá-la, como se houvesse uma necessidade da existência da Filosofia: não só de sua existência, mas de sua perpetuação de maneira singular como se ela repetisse algo de essencial em suas próprias transformações” (Althusser, 2008, p 35). Badiou segue exclamando:

Pareceria que estamos sonhando: resulta que Althusser, o grande marxista, se converteu no último defensor da velha concepção escolástica de uma filosofia perennis, uma filosofia como pura repetição de si mesma, uma filosofia no estilo nietzscheano como eterno retorno do mesmo? (Badiou, 2014, p 19)

A FILOSOFIA COMO CAMPO DE BATALHAS

Mas como Althusser definia a filosofia? Althusser dizia que “todos nós julgamos saber, espontaneamente, o que é a filosofia e, no entanto, esta passa por ser uma atividade misteriosa, difícil e inacessível para o comum dos mortais” (Althusser, 2008 p 31). Na busca da resposta acerca desta contradição, Althusser explica de que a tese de que todos sabemos, espontaneamente, o que é a filosofia se apoia e dá bases para a convicção defendida por Gramsci, o grande teórico e dirigente comunista italiano, que diz que todo o homem é filósofo.

E Gramsci apresenta detalhes interessante. Observa que na linguagem popular, a expressão “levar as coisas com filosofia” designa uma atitude que contém em si mesma uma certa ideia de filosofia: vinculada à ideia de necessidade racional. Aquele que, diante de um acontecimento doloroso, “leva as coisas com filosofia” é um homem que toma um certo distanciamento, controla sua reação imediata e se comporta de maneira racional: compreendendo e admitindo a necessidade do acontecimento que o atinge (Althusser, 2008, p 31)

Althusser esclarece que Gramsci é consciente de que tal atitude pode ter um elemento de passividade, de resignação, do tipo ser filósofo “é cuidar do seu jardim”, “contentar-se com o que se tem”, “tratar de seus negócios”, mas ainda assim é o reconhecimento de uma certa ordem das coisas necessária e inteligível. (Althusser, 2008)

Há também outra representação popular do filósofo, antiga, a do personagem que anda com a cabeça nas nuvens e cai no poço. Seus olhos estariam fixados no céu das ideias, não na terra. Era o caso da lenda de Tales de Mileto. Althusser brinca ao lembrar que “na Grécia não existiam parapeitos como na França” (Althusser, 2008, p 31) e afirma que esta caricatura, “graças a qual o “povo” pode rir-se dos filósofos”(idem) indica um reconhecimento de que os filósofos “praticam uma disciplina que esta fora do alcance dos homens comuns, das pessoas simples e, ao mesmo tempo, uma disciplina que comporta graves riscos” (Althusser, 2008, p 32).

Se distanciando de Gramsci, Althusser completa dizendo que o “filósofo “sabe” e diz certas coisas que os homens comuns não conhecem, ele deve percorrer as vias difíceis da abstração para alcançar tal “conhecimento” elevado que não é dado imediatamente a todos os homens” (Althusser, 2008, p 33).

Althusser mostrará ainda que a ênfase na ligação entre a resignação e a filosofia nos conduz a uma filosofia cuja marca é a submissão às ideias da classe dominante. Esta seria a filosofia do senso comum e a maioria das filosofias, segundo ele, teriam esta característica (2008). Mas não todas. Ao longo da história surgiram filosofias que expressavam as forças da mudança. A definição central de Althusser acerca do que é filosofia parte justamente deste conflito entre posições conservadoras e revolucionárias, já que a filosofia para Althusser é “em última instância”, luta de classes na teoria” (2015, p 38), uma definição que sua obra jamais abandonou, não obstante suas autocríticas. Reforçando sua tese, Althusser argumenta que Kant estava coberto de razão ao definir a filosofia como um campo de batalhas e a tentativa do próprio Kant de iniciar uma filosofia que não fosse polêmica, “sua meta de alcançar uma filosofia sem conflito, em paz perpétua, constata um reconhecimento – ao negá-lo – da existência da luta na filosofia” (2015, p 39)

Na mesma linha Althusser insistia:

uma filosofia não é um discurso de demonstração nem seu discurso de legitimação. O que a define é sua posição (thesis, em grego) no campo de batalha filosófico (o Kampfplatz de Kant) a favor ou contra tal posição filosófica existente ou na defesa de uma posição filosófica nova (Althusser, 2015, p 21).

Voltamos aqui às filosofias que morrem e as que nascem, a luta entre elas, a ressurreição da filosofia, sua recorrência como atividade necessária. Alain Badiou vai seguir na mesma trilha. “Kant disse que a história da filosofia era um campo de batalha. Tinha toda a razão. Porém é também a repetição da mesma batalha, no mesmo campo” (2014, p 27). Esclarece em seguida que o devir da filosofia se dá na forma clássica dos temas e das variações. “A repetição é o tema; a novidade constante, as variações” (2014, p 27). O que provoca esta recorrência e faz com que ao longo dos séculos homens e mulheres andem de cabeça para os céus e se arrisquem a cair no poço como Tales?

O ETERNO RETORNO DA FILOSOFIA

Alain Badiou definirá que

na filosofia temos, pois, algo invariante, algo assim como uma compulsão de repetição, ou como o eterno retorno do mesmo; porém esta invariância é da ordem do ato, e não da ordem do conhecer. É uma subjetividade, para a qual o saber em todas as suas formas é um meio entre outros (Badiou, 2014, p 24).

Aqui, portanto, Badiou toma uma posição clara acerca da verdadeira natureza da Filosofia. Segundo ele há duas tendências. A primeira, a que define a Filosofia como, no essencial, um conhecimento reflexivo: “o conhecimento da verdade no domínio teórico, o conhecimento dos valores no domínio prático” (2014, p 19). A segunda possibilidade é que “a filosofia não seja realmente um conhecimento, nem teórico, nem prático. E que consista na transformação direta de um sujeito, que seja uma espécie de conversão radical, um giro completo, da existência” (2014, p 20).

Recordemos que Althusser insistia que “uma filosofia não é um discurso de demonstração nem seu discurso de legitimação” (2015, p 21) e Badiou, na mesma linha, definirá que a “filosofia então não seria identificada pelas regras de um discurso mas pela singularidade de um ato” (2014, p 21). É uma tomada de partido, uma escolha. A tarefa da filosofia é mostrar que devemos fazer uma eleição, que o pensamento deve tomar decisões. Temos alguns belos exemplos desta situação filosófica dados por Badiou.

A FILOSOFIA COMO ATO SINGULAR E ESCOLHA

Badiou nos conta que no diálogo Górgias de Platão há uma descrição de um forte embate entre Sócrates e Calicles. Trata-se de um embate forte onde ambos não têm um ponto em comum, um parâmetro comum, são pontos estranhos um ao outro. Platão mostra este caráter incomensurável dando o exemplo de como são incomensuráveis uma diagonal e um lado do quadrado, Calicles sustenta que o direito é o poder e o homem feliz é o tirano, que não se importa com o outro, que passa por cima dele, que é capaz de usar a violência e a astúcia para fazer isso. Sócrates é o oposto. Sustenta que o homem feliz é o que defende a justiça no sentido filosófico da palavra (2011).

Badiou explica que entre “a justiça como violência e a justiça como pensamento não há uma simples oposição que podemos abordar com argumentos baseados em uma norma comum.” (2011, p 15). Mostra que aí falta uma relação, razão pela qual não estamos diante de uma discussão,

mas de um confronto. Não será com base em meros argumentos, mas de uma luta que terá vencedor e vencido.

Na obra de Platão, Calicles acaba perdendo, ainda que não assuma sua derrota. Alain Badiou segue dizendo que esta situação nos ensina que a tarefa da filosofia é de fazer uma eleição. “Decidir duas classes de pensamento: Devemos decidir se estamos do lado de Sócrates ou de Calicles.” (2011, p 16). A morte do matemático Arquimedes é outro exemplo escolhido. Seu gênio pensou sobre o infinito, na condição de grego foi ativo na resistência contra a invasão romana. Badiou lembra que no começo da ocupação romana, Arquimedes retomou seus trabalhos matemáticos e que tinha o hábito de desenhar figuras geométricas na areia.

Numa destas vezes se aproximou um soldado romano com a mensagem de que Marcelo, um general romano queria vê-lo, curiosos como eram os romanos pelos sábios gregos. “O general Marcelo quer ver-te” repetiu o soldado mais de uma vez. Arquimedes que no início nada respondeu e seguia desenhando seus trabalhos matemáticos na areia desta vez “levantou de maneira imperceptível o olhar e disse ao soldado:” “deixe-me terminar a demonstração””. Ao qual o soldado respondeu: “Me importa um rabanete tua demonstração! Marcelo quer ver-te agora!. Arquimedes retomou seu cálculo sem responder (Badiou, 2011, p 17).

O soldado então tomado pelo ódio pegou sua espada e matou Arquimedes, cujo corpo ao cair apagou a figura da areia. Badiou pergunta então: “Por que se trata neste caso de uma situação filosófica?” (Badiou, 2011, p 17). Sua resposta mostra novamente a filosofia como uma decisão. Entre “o direito do Estado e o pensamento criativo, em especial o pensamento puramente ontológico das matemáticas, não há nenhum parâmetro comum, não há uma verdadeira discussão” (idem). O poder é a violência, afirma Badiou, e o pensamento criativo não tem outra força que não seja suas regras que lhe são imanentes. “Arquimedes segue as leis de seu pensamento e desse modo se move por fora do círculo de ação do poder. O tempo próprio da demonstração não pode tomar em conta a urgência dos vencedores militares” (Badiou, 2011, p 18).

A partir da definição de que a filosofia é um ato, uma decisão, na qual se assume um lado, Badiou sustentará o caráter democrático da filosofia ao afirmar que a mesma é indiferente à posição social, cultural ou religiosa

de quem fala ou pensa. Aceita qualquer proveniência. (36). Dirá que a filosofia

não é o discurso de um rei, nem o de um sacerdote, nem o de um profeta ou deus. Não há garantia alguma do discurso filosófico pelo lado da transcendência, do poder ou de uma função sagrada. A filosofia assume que a busca da verdade esta aberta a todos. Qualquer um pode ser filósofo (Badiou, 2014, p 36).

Neste ponto parece existir uma certa separação entre Badiou e Althusser. Mas Badiou em seguida afirmará uma restrição.

Qualquer filho de vizinho pode ser filósofo ou interlocutor de um filósofo, porém não é certo que qualquer opinião valha o mesmo que qualquer outra. O axioma da igualdade dos espíritos está distante de ser um axioma da igualdade das opiniões. Desde o começo da filosofia devemos, com Platão, distinguir, em primeiro lugar, entre as opiniões corretas e as opiniões errôneas, e, em segundo lugar, entre a verdade e a opinião. Na medida em que o objetivo último da filosofia é chegar a um completo esclarecimento da distinção entre verdade e opinião, é evidente que não poderia haver, de sua parte, de uma grande aceitação real de um grande princípio democrática da liberdade de opiniões. A filosofia opõe a unidade e a universalidade da verdade à pluralidade e a relatividade das opiniões (2014, p 37).

A LUTA PELA VERDADE E A FILOSOFIA

A filosofia desta forma pressupõe então uma luta pela verdade. Um dos exemplos históricos de atos filosóficos foi o de Sócrates, que se recusou a atribuir poder aos deuses. Foi acusado de corromper a juventude e por isso foi condenado à morte. Badiou deixa claro que “corromper”

significa aqui ensinar a possibilidade de rechaçar todas as opiniões estabelecidas. Corromper é dar à juventude certos instrumentos para mudar de opinião com respeito às normas sociais, e substituir pela discussão e a crítica racional a imitação e a aprovação, e inclusive, se a questão é de princípio, descartar a obediência e eleger a revolta (2014, p 22).

Assim, é evidente que não se trata apenas de escolher a revolta. Trata-se, nas suas palavras, de buscar a verdade, e a opção da revolta exige que a mesma seja uma revolta lógica. Para tanto é preciso “reconhecer a validade dos argumentos” (Badiou, 2014, p 38) e a necessidade de uma “regra estrita para a discussão” (idem). Neste ponto Badiou recorre às matemáticas:

Nelas temos, diante de todos uma espécie de liberdade primitiva, que é a liberdade da eleição dos axiomas, porém logo temos uma determinação total, fundada nas regras lógicas. Devemos, pois, aceitar por completo as consequências de nossa primeira eleição. E esta aceitação não é uma liberdade, sim uma restrição, uma necessidade: encontrar a prova correta é um trabalho intelectual muito duro. Afinal, tudo isso é, estritamente, uma igualdade universal no sentido preciso: uma prova é uma prova para qualquer um, sem exceção, que aceite a eleição primitiva e as regras lógicas. De tal modo, temos eleição, consequências, igualdade, universalidade (Badiou, 2014, p 37).

E completa em seguida: “exatamente como as matemáticas, a filosofia vale em todos e para todos e não tem uma linguagem específica. Não obstante, há uma regra estrita de consequências” (2014, p 38).

Esta exigência de racionalidade nos leva novamente a Althusser. Depois de afirmar que “a filosofia surgiu da religião, da qual herdou relevantes questões que posteriormente se converteram em grandes temas filosóficos, ainda que com perguntas e respostas diferentes...” (2015, p 33), Althusser esclarece que a filosofia não poderia ter se constituído sem a existência prévia de uma ciência. É que a filosofia tomou da ciência “o modelo da abstração racional, imprescindível para ela” (idem), já que de fato, “a filosofia nasce no momento em que se abandonam as formas de raciocínio mitológico e religioso, de exortação moral e eloquência política ou poética para poder adotar as formas de raciocínio teórico, constitutivo da ciência” (idem)

A filosofia, portanto, não existiu sempre, evidencia seu argumento. Sabe-se que Althusser definiu duas condições prévias para sua existência: 1 – a existência de classes sociais (e, portanto, do Estado) e 2 – a existência de ciências (2008).

É um fato que a Filosofia, tal como conhecemos, começou para nós com Platão, na Grécia, no século V antes de nossa era. Ora, observamos que a sociedade grega comportava classes sociais (1º condição) e que é nas vésperas do século V que a primeira ciência conhecida no mundo, a saber, a matemática, começa a existir como ciência (2º condição). Essas duas realidades: classes sociais e ciência matemática (demonstrativa), estão registradas na Filosofia de Platão e unidas nela. Platão tinha escrito no pórtico da Escola onde ensinava a Filosofia: “ninguém entra aqui se não for geômetra (Althusser, 2008, p 34).

Alain Badiou rumará na mesma direção, mas enriquecerá a elaboração das condições e definirá melhor o lugar e a relação entre as condições da filosofia, a produção das verdades e a relação entre as verdades e a filosofia. “Quem pode citar um único enunciado filosófico sobre o qual se faça sentido dizer que ele é “verdadeiro?”, (Badiou, 1991, p 9), pergunta Badiou. É na luta pelas verdades que se encontram as condições de surgimento da filosofia. A filosofia em si mesma não produz verdades mas é a composição destas condições nas quais a verdade é produzida. Quais são exatamente estas condições? Estes procedimentos genéricos, ou estas condições, são: a) o amor, b) o matema, c) o poema, d) a invenção política. Aí estão os procedimentos capazes de produzir verdades (1991)

AS CONDIÇÕES DA FILOSOFIA

Nos livros de Badiou as pistas destas condições vão surgindo. Assim ele diz que:

a série dos números primos é ilimitada, isto se demonstra hoje exatamente como nos Elementos, de que Fídias seja um grande escultor não há dúvidas, que a democracia ateniense seja uma invenção política cujo tema ainda nos ocupa, e que o amor designa a ocorrência de um Dois onde o sujeito fica transido, nós o compreendemos lendo Safo ou Platão tanto quanto lendo Corneille ou Beckett (Badiou, 1991, p 08).

E nos explica que há sociedades sem matemática, outras cuja arte nos foi opaca, onde o amor foi indizível ou onde o despotismo jamais cedeu lugar para a invenção política. Há momentos e lugares, então, em que a verdade não é produzida. Badiou começa clarificando que a filosofia teve um começo. Não foi em todas as configurações históricas que a filosofia existiu (1991). Aqui a identidade com Althusser é completa. A filosofia nasceu na Grécia e sua singularidade é a de ter

interrompido a narrativa das origens pela proposição laicizada e abstrata, de ter ferido o prestígio do poema com o do matema, de ter concebido a Cidade como um tema aberto, disputado, vacante, e de ter trazido à cena pública as tempestades da paixão (Badiou, 1991, p 08).

A filosofia surge como a composição destes procedimentos num espaço conceitual único. Platão foi quem começou este pensamento de que tais procedimentos são possíveis. Só há verdades, insiste Alain Badiou, na ciência, na arte, na política e no amor. A filosofia então faz uma composição de verdades produzidas por suas condições.

Badiou agrega, como vimos, duas condições às apresentadas por Althusser e modifica uma delas. Adiciona o amor, vinculado com a psicanálise, e o poema, e define a condição política não como a existência da luta de classes apenas, mas mais concretamente a existência da política revolucionária, a política de emancipação, para usar seu conceito mais comum. Por justiça à capacidade de Althusser, embora não tenha formulado as condições com a riqueza e precisão de Badiou, vale lembrar seu aporte ao dizer

Aparentemente a filosofia se desenvolve em um mundo fechado e distante. Porém, tem sim uma atuação, um tanto peculiar: atua a distância, pela mediação das ideologias sobre as práticas reais, concretas, por exemplo, sobre as práticas culturais como as ciências, a política, as artes, inclusive a psicanálise (Althusser, 2015, p 50)

Vamos abordar apenas uma das condições da filosofia: a política. Este é nosso limite. Não ver estes limites seria o que Badiou denominou como suturar a filosofia a uma de suas condições. “Quando Althusser escreve, por exemplo, “a filosofia é uma prática de intervenção política que se exerce sob a forma teórica, sutura a filosofia à política (Badiou, 2011, p 80)”, explica Badiou. Longe de nosso propósito querer suturar a filosofia, isto é, pretender atribuir apenas à política a captação e a declaração do ato filosófico. Mas também sabemos que não se pode pensar a filosofia sem ligação com suas condições. Apenas indicaremos, portanto, algumas verdades que devem ser compostas com outras verdades produzidas nas outras condições que nos permitem pensar filosoficamente o tempo em que estamos.

A MILITÂNCIA COMO ATIVIDADE DO PENSAMENTO POLÍTICO

Antes de considerar qual o conceito que une a filosofia com a política é preciso afirmar com Badiou que “uma exigência fundamental do pensamento contemporâneo é a de acabar com a “filosofia política”” (1998, p 21). Badiou esclarece logo o que é a filosofia política. Define que é o

programa que considera a política e o político como um dado objetivo da experiência universal, até mesmo invariável, e se propõe a tirar dela o pensamento, que neste caso caberia à filosofia como atividade imparcial realizar.

O filósofo teria o triplo benefício de ser, em primeiro lugar, aquele que é o analista e o pensador desta objetividade brutal e confusa que é a empiricidade das políticas reais: em segundo lugar, aquele que determina os princípios da boa política, daquela que está conforme as exigências da ética; e em terceiro lugar, de não ter, para fazer isso, que ser militante de nenhum processo político verdadeiro, de forma que poderia indefinidamente dar uma lição ao real, na modalidade que lhe é mais querida: a do juízo (Badiou, 1998, p 21)

Na filosofia política o pensamento político não estaria mais entre os atores, no palco, mas na plateia, nos expectadores, exemplifica Badiou. A verdade não seria a razão de ser da política, que seria uma questão de opinião pública, sendo a discussão a própria essência da vida política. Contra estas orientações de pensamento Badiou se bateu: “uma verdade singular é sempre o resultado de um processo complexo, no qual a discussão é decisiva. A própria ciência começou - com as matemáticas – pela renúncia radical a todo o princípio de autoridade” (1998, p 26). Em seguida emenda: “A antinomia da verdade e da discussão é uma brincadeira de mau gosto. Salvo, bem entendido, se estimarmos que é preciso imperativamente afirmar direitos especiais para o falso e para a mentira” (idem, p 26)

Badiou afirma que a ideia de que a política esteja sempre voltada à opinião, eternamente separada de toda a verdade, é sofística. E fará de sua obra filosófica um esforço para mostrar que a política é um pensamento, um procedimento de verdade, “a construção e a animação de um coletivo singular visando a gestão ou a transformação daquilo que é”, ou seja, de que a política e o pensamento político estão do lado dos atores, não na plateia. Depois de ironizar aqueles que podem acreditar que a essência da política seja uma conversa entre amigos, afirma que a discussão somente é política na medida em que se cristaliza numa decisão.

A questão de uma possível verdade política deve então ser examinada, não do ponto de vista único da “discussão” – que, isolada, faz da “política” um simples comentário passivo de tudo o que acontece, uma espécie de prolongamento para muitos da leitura dos jornais --, mas no processo complexo que liga a discussão à decisão,

ou recapitula a discussão nos seus enunciados políticos em nome dos quais uma ou mais intervenções são possíveis. (Badiou, 1998, p 27)

Tomamos partido. Esta é uma escolha, uma eleição. Uma decisão de caráter filosófico. Um dos exemplos de decisão filosófica foi a vida de Jean Cavailles. Alain Badiou reivindica sua atividade como lógico e sua militância durante a resistência contra o nazismo. Cavailles foi um filósofo e matemático, professor de lógica e fundador do movimento de resistência Libération-Sud, co-fundador da rede de ação militar Cahor. Em 1942 foi preso, fugiu em seguida, foi preso novamente, torturado e fuzilado em 1943. Um dos pensadores mais influentes na sua formação, Badiou reconhece a influência e lhe rende homenagem:

na escola de Espinosa, Cavailles queria des-subjetivar o conhecimento, ele com um mesmo movimento considerou a resistência como uma necessidade inelutável, que nenhuma referência ao eu podia atingir. Assim ele declarava em 1943: “ Eu sou espinosista, creio que nós aprendemos em toda a parte o necessário. Necessários os encadeamentos dos matemáticos, necessárias mesmo as etapas da ciência matemática, necessária também esta luta que nós levamos a cabo” . Assim, Cavailles, aliviado de toda a referência a sua própria pessoa, praticou as formas extremas de resistência, até se introduzir disfarçado de operário na base de submarinos da Kriegsmarine, em Lorient, como se faz ciência, com uma tenacidade sem ênfase da qual a morte não era senão uma eventual conclusão neutra, porque, como diz o Espinosa, “ o homem livre não pensa em nada menos do que a morte, e a sua sabedoria é uma mediação, não da morte, mas da vida (Badiou, 1998 p 14)

Cavaillès tomou uma decisão lógica. O ato de decisão de Badiou foi pelo engajamento na defesa da ideia de comunidade. Para Badiou, comunidade é o nome da recepção filosófica da política de emancipação desde 1789. Nesta palavra, reveladora de uma ideia, está a ligação, nos dias de hoje, entre a política e a filosofia. Sua origem então está na revolução francesa, sendo a Comunidade descendente da fraternidade revolucionária. E Comunidade é o que hoje se compreende pela proposta socialista e em seguida comunista. (Badiou, 2002)

Coerente com esta posição, sustenta que estamos num período histórico onde a fidelidade ao acontecimento da revolução francesa segue marcando a vida social e cujas revoluções socialistas deram continuidade. “Devemos reiterar que ainda estamos na sequência aberta pela revolução francesa e

que houve duas etapas da ideia comunista: a do século XIX, ilustrada por Marx, e a dos partidos comunistas” (Badiou, 2013, p 38)

JUSTIÇA, COMUNIDADES E COMUNISMO COMO VERDADES DA FILOSOFIA

Precisamente o comunismo, a tradução da comunidade, é o que o mundo atual declara como impossível. Para o mundo como está o comunismo é inconsistente e criminoso. E o mundo declara isso garantindo sua reprodução na economia de mercado, com o “reino técnico dos políticos, com a guerra, com a indiferença” (Badiou, 2002, p 207). O grande capital é que é anunciado como o que garante a consistência do mundo.

Badiou clarifica que quando se refere à comunidade, pensa em algo oposto às comunidades compreendidas em suas especificidades, a substância comunitária judia, árabe, francesa, ocidental, etc. Não se pode deixar de concordar com esta tese quando assistimos o ódio nacional fratricida expresso em guerras como a dos Balcãs nos anos 90, passando pela islamofobia atual na Europa, com os chamados socialistas fazendo a mesma política da direita e a extrema direita, como a Frente Nacional na França, ganhando força, chegando finalmente na afirmação da identidade religiosa reacionária e obscurantista de forças como a Al Qaeda e o Estado Islâmico, para citar apenas duas. A posição de Badiou vai além e sustenta que nada produz um revés maior à ideia de comunidade e comunismo do que a “aliança realista entre a economia e os territórios culturais comunitários” (Badiou, 2002, p 207).

Ao se declarar o comunismo impossível, a política real que nos defendem exclui toda a ideia. Afinal, o real do mundo é precisamente a comunidade como impossível. Badiou vai na contracorrente. Seu objetivo é seguir o caminho de Marx aberto no Manifesto Comunista. Neste texto clássico Marx mostra como o Capital dissolve todos os vínculos sagrados que acreditam sustentar a consistência do mundo atual. O Capital destrói as famílias operárias, arruína a propriedade da imensa maioria, transforma tudo em uma vil relação marcada pelo cálculo egoísta; vai deixando claro que os operários não têm pátria e que a pátria dos capitalistas é o poder do dinheiro. Um poder que reproduz relações sociais que carregam no interior de seu próprio desenvolvimento a crise comercial e industrial, e agora, depois

do peso do crédito na produção capitalista, também a crise financeira (1976). Este mundo, o dominado pelo Capital, é que é inconsistente.

A luta para que tenhamos uma política de emancipação quer dizer a luta pela realização do coletivo como verdade. Este ato de verdade do coletivo perpassa a história, vive através dos tempos, tem como característica o que Badiou define como o infinito e a eternidade da ideia. E aqui, neste ato, encontra a palavra que une a política com a filosofia desde que a filosofia existe: Justiça. Platão no livro IV da República anuncia, segundo Badiou, que a Justiça não é uma norma exterior. A justiça seria uma ação que diz respeito à interioridade, “relativa ao que há no interior e dependente estritamente disso” (Badiou, 2002, p 208). Nas palavras de Badiou, “na figura da comunidade a justiça não é pois o que pode dizer-se do coletivo, sim o coletivo mesmo ocorrido veridicamente, ou como verdade, com sua própria disposição imanente” (idem)

Ao defender a justiça como o nome filosófico da política como pensamento afirmará a continuidade ao longo do tempo entre a filosofia e a política de emancipação. Na mesma linha segue quando não se intimida diante da declaração de que a comunidade seja impossível. Badiou diz que esta impossibilidade não é uma objeção do imperativo da política de emancipação, se chame ela comunismo ou outro nome. Argumenta que sua posição é herdeira da convicção de Platão. Descreve que o livro A República relata em múltiplas oportunidades os interlocutores de Sócrates buscando desestabiliza-lo “indicando que a cidade ideal que “mitologiza”, como ele diz, não tem nenhuma oportunidade de existir” (Badiou, 2002, p 209). Para Badiou, em suas distintas variações, a resposta de Sócrates é que “se se considera a política como pensamento – e só evidentemente tal política interessa à filosofia -, então a possibilidade objetiva não poderia ser uma norma da política”. (idem, p 210)

Não se trata de utopia, esclarece Badiou. “A política descrita, a politéia mitologizada, tem, ainda que pareça impossível, um real em sua impossibilidade mesma. Esse real é o da prescrição subjetiva, que fará a respeito do mundo, não totalmente um nada, sim o que é possível fazer, assim seja sob a lei real do impossível” (idem, p 210)

Em outras palavras, há um mundo cuja lei declara impossível o comunismo. Ao mesmo tempo, ao existir uma decisão subjetiva em defender esta ideia estamos falando de um impossível que já tem alguma forma de

efetividade, nem que seja o anunciado e a defesa desta ideia. Uma política já é real porque seus enunciados existem. A decisão de atuar, nos marcos de uma lei, para lutar pelo impossível que esta lei declara, fazendo o que for possível. “Este possível comensurável com o impossível tem duas figuras conexas”, (idem, p 210), segundo Badiou

Reivindicando Platão, afirmando que a política depende do pensamento, afirma a prescrição política como esta primeira figura. Os enunciados políticos, a prescrição política, não tem que provar previamente suas possibilidades em termos de realização. Eis a tese de Badiou. “Sócrates perguntará: Por que o fato de que não estejamos em condições de provar se é possível reger a cidade como temos dito debilitaria nossa determinação para o bem de nossa dizer?” (Badiou, 2002, p 210). A defesa desta política é incondicionada, isto é, independe do que o mundo atual declare como possível ou não. Na filosofia de Badiou sua aposta é que a política de emancipação se alicerce precisamente no acontecimento que quebre a consistência da lei que determina o impossível no mundo. Define que a política de emancipação é extraída “do vazio que um acontecimento faz surgir como inconsistência latente do mundo dado” (idem, p 210). Os enunciados, as prescrições de política de emancipação são justamente, como Marx fez no Manifesto Comunista, as nomeações deste vazio, portanto o apontamento das inconsistências do mundo.

A segunda figura deste possível comensurável com o impossível é da subjetividade militante. Trata-se de um segundo princípio real, além dos enunciados da política. É o militante político mesmo. O militante que será fiel ao acontecimento se engaja na luta contra a lei que determina a comunidade como impossível. Daí também o vínculo de Badiou com o que há de mais clássico na política revolucionária leninista: a reivindicação da figura do militante.

Em outros espaços discutiremos as sequencias políticas que marcaram a existência da verdade da ideia comunista, sua evolução, suas derrotas e suas novas tentativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Althusser, Louis – Sobre a reprodução Vozes, RJ, 2008

_ Filosofía y marxismo/Entrevista de Fernanda Navarro – Siglo XXI Editores, México 2015

Badiou, Alain - Manifesto pela Filosofia – Angélica (psicanalise & cia), Rio de Janeiro - 1991

_ Compêndio de Metapolítica – Instituto Piaget – Lisboa - 1999

_ Condiciones; Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2002

_ Pequeño panteón portátil. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011

Badiou, Alain e Slavoj Zizek. Filosofía y actualidad; Amorrortu, Buenos Aires 2011

Badiou, Alain – La filosofía y el acontecimiento; Amorrortu, Buenos Aires, 2013

_ Filosofía y política: una relación enigmática – Amorrortu; Buenos Aires: 2014

- Marx, Karl e Engels, Friedrich – Manifeste du Parti Communiste – éditions sociales, Paris, 1976